

As fábulas, perversidades e possibilidades nas relações bilaterais entre Brasil e Alemanhaⁱ

Bruno Domingues Micheletti

Doutorando em Jornalismo pela Universidad Complutense de Madrid.
Participa dos Grupos de Pesquisa Mídia, Cultura e Memória
e Rádios e Mídias Sonoras da Intercom.
Email: bruno.unip.jor@gmail.com

Gláucia Jacuk Herman

Doutoranda do PPGCOM da UNIP.
Participa do Grupo “Mídia, Cultura e Memória”.
Professora na Faculdade Impacta de Tecnologia.
Email: gjherman@uol.com.br

Recebido: 13 mar. 2016

Aprovado: 25 abr. 2016

Resumo: Neste artigo, busca-se analisar os pronunciamentos da presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff e do presidente da República Federal da Alemanha, Joachim Gauck, por ocasião da visita deste ao Brasil no dia 13 de maio de 2013, durante a abertura oficial do 31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha (EEBA 2013). A partir do texto de Milton Santos, (2006) e das categorias de análise do discurso de Mikhail Bakhtin, as declarações e a repercussão destas na mídia são dissecadas sob a ótica das relações bilaterais entre o Brasil e a Alemanha em três etapas.

Palavras-chave: Brasil. Alemanha. Globalização. Dilma Rousseff. Joachim Gauck.

Abstract: In this paper, we seek to analyze the statements of the president of the Federative Republic of Brazil, Dilma Rouseff and the president of the Federal Republic of Germany, Joachim Gauck, on the occasion of his visit to Brazil on May 13th, 2013, during the official opening of the “31st Economic Summit Brazil – Germany”. From Milton Santos’ text (2006) and the categories of discourse analysis of Mikhail Bakhtin the pronouncements and their repercussion in the media are examined under the bilateral relations between Brazil and Germany in three stages.

Keywords: Brazil. Germany. Globalization. Dilma Rouseff. Joachim Gauck.

Resumen: En este artículo, se pretende analizar las declaraciones de la Presidente de la República Federativa del Brasil, Dilma Rousseff, y del Presidente de la República Federal de Alemania, Joachim Gauck, durante la visita de este a Brasil el 13 de mayo de 2013, durante la apertura oficial del "31 Encuentro Económico Brasil-Alemania" (EEBA 2013). Del texto de Milton Santos (2006) y del análisis de las categorías del discurso de Mikhail Bakhtin, las declaraciones y el impacto de estos en los medios se disecan desde la perspectiva de las relaciones bilaterales entre Brasil y Alemania en tres pasos.

Palabras clave: Brasil. Alemania. Globalización. Dilma Rouseff. Joachim Gauck.

Introdução

Realizado nos dias 13 e 14 de maio de 2013, em auditório do centro empresarial World Trade Center, localizado na cidade de São Paulo, o "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha 2013", com o mote "Cooperação Brasil-Alemanha para a Competitividade" integra os eventos participantes das comemorações do ano da Alemanha no Brasil. O evento ganhou destaque pela presença do presidente da República Federal da Alemanha, Joachim Gauck, que esteve pela primeira vez no país, e seu encontro com a presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, com o objetivo de fortalecer as relações entre os dois países.

As influências alemãs no Brasil remontam ao final do século XIX, quando se dá o início, ainda tímido, das imigrações que fundaram as primeiras colônias alemãs no país, processo que se intensificou no período entre guerras e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando os alemães vieram para o Brasil por dois principais motivos, conforme declaração do presidente Gauck: em busca de novas oportunidades; ou por serem judeus refugiados, na busca pela preservação de suas vidas. No total estima-se, segundo pronunciamento da presidente Dilma, que cerca de 300 mil imigrantes alemães vieram para o país, gerando, de acordo com as estimativas de hoje, 5 milhões de descendentes vivendo no Brasil.

No âmbito econômico, os dados apresentados no evento mostram que atualmente cerca de mil e seiscentas empresas alemãs se fazem presentes no Brasil, tornando o Estado de São Paulo, o maior polo industrial alemão fora da Alemanha. Do lado oposto, a representatividade empresarial brasileira na Alemanha, é composta por apenas 50 empresas, mesmo assim, o fato é comemorado por nossas autoridades como uma vitória como atestou a declaração do Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin na ocasião:

Nós paulistas agradecemos e recebemos a comunidade alemã! Nos orgulhamos de ter a maior comunidade industrial alemã, fora da Alemanha, aqui, no Estado de São Paulo. São cerca de 1.600 empresas alemãs hoje presentes no Brasil enquanto nós temos hoje, aproximadamente 50 empresas brasileiras na Alemanha.



Geraldo Alckmin, Joachim Gauck e Dilma Rousseff durante a abertura oficial do "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha" Foto: Bruno Micheletti.

A abertura oficial do 31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha 2013, ocorreu por volta das 15h e além do citado Governador de São Paulo, contou também com a presença das seguintes autoridades: Dilma Rousseff, presidente da República Federativa do Brasil; Joachim Gauck, presidente da República Federal da Alemanha; Fernando Haddad, prefeito da Cidade de São Paulo; e Paulo Skaff, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Ministros de Estado: Antônio de Aguiar Patriota, Relações Exteriores; Fernando Pimentel, Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Aloísio Mercadante, Educação; Helena Chagas, Comunicação Social; e Guilherme Afiff Domingos da Secretaria da Micro e Pequena Empresa. Demais Governadores: Jaques Wagner, do Estado da Bahia; e Renato Casagrande, do Estado do Espírito Santo. Integrantes da delegação alemã: David Gil, Secretário Executivo e Chefe do Gabinete Presidencial; Anne Ruth Herkes, Secretária Executiva do Ministério Federal de Economia e Tecnologia; Harald Braun, Secretário Executivo do Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros; Hans-Jürgen Beerfeltz, Secretário Executivo do Ministério Federal de Cooperação Econômica. Embaixadores: Robson

Braga de Andrade, Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI); Ulrich Grillo, Presidente da Federação das Indústrias da Alemanha (BDI).

Podemos considerar que o evento analisado é um exemplo que ilustra bem as atuais relações internacionais que envolvem questões culturais, econômicas, sociais e diplomáticas. Para Milton Santos (2006), vivemos num mundo confuso e confusamente percebido.

De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico, fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes (SANTOS, 2006, p. 17).

O mundo como fábula

Estava marcada uma entrevista coletiva para imprensa com a presidente Dilma Rousseff e o presidente Joachim Gauck antes da abertura oficial do evento, mas esta foi cancelada de última hora já com todos os jornalistas presentes na sala preparada para a coletiva. No entanto, pouco antes dos pronunciamentos oficiais de abertura do evento, a imprensa foi novamente convocada à sala da coletiva, para uma declaração oficial dos dois presidentes. A presidente Dilma Rousseff foi a primeira a se pronunciar, manifestando sua admiração pela história pessoal do presidente Gauck na defesa dos direitos humanos e da democracia, em alusão ao seu papel ativo no processo de reunificação da Alemanha, principalmente como administrador da abertura dos arquivos secretos da Stasi – Serviço Secreto da antiga Alemanha Oriental. Na sequência, Dilma pede ajuda, para que o Brasil tenha acesso a possíveis documentos que possam auxiliar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade.

Tenho grande admiração por seu ativismo e seu trabalho para promover a verdade, a reconciliação na Alemanha reunificada. Inclusive pedi a ele o acesso a eventuais arquivos existentes na Alemanha que possam beneficiar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (Dilma Rousseff, declaração à imprensa 13, de maio de 2013).



Joachim Gauck e Dilma Rousseff durante coletiva de imprensa realizada antes da abertura oficial do "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha" Foto: Bruno Micheletti.

A presidente Dilma continuou o pronunciamento evidenciando que a "excelência do relacionamento entre Alemanha e Brasil expressa claramente que nossos laços transcendem governos e envolvem as duas sociedades". Ela declarou também que o "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha é o mais longo encontro econômico entre o Brasil e qualquer outra nação", apresentou os aspectos econômicos e a proximidade nas relações entre os dois governos; as parcerias em pesquisas, incluindo o programa do governo federal Ciências Sem Fronteiras; a questão ambiental aliada ao desenvolvimento sustentável, citando o Rio+20; salientou ainda na esfera cultural o convite para participação brasileira, na Bienal do Livro de Frankfurt, a ser realizada em outubro daquele ano.

Considerando que “não se tem acesso direto à realidade, uma vez que ele é sempre mediado pela linguagem. O real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente.” (FIORIN, 2008, p. 19), passaremos à análise da escolha linguística presente no lema do encontro: “Cooperação Brasil-Alemanha para a Competitividade”. No verbo cooperar temos a ideia de ajuda, contribuição, ação conjunta com uma mesma finalidade, enfim, trata-se de um campo semântico que traz em si uma visão de colaboração e parceria. Por outro lado, competitividade, ou seja, ser

competitivo ou ainda, ser capaz de enfrentar a competição, “caminha” na direção oposta, constituindo assim um paradoxo.

Tendo em conta ainda que “a palavra não vale por si, mas pela repercussão que provoca em outros indivíduos do mesmo contexto” (SCHNAIDERMAN, 1982, p. 74), à aparente contradição apontada no parágrafo anterior, acrescentaremos uma reflexão sobre trechos da fala dos dois presidentes, salientando o adjetivo bilateral, citado em diversos momentos durante o evento. Presidente Joachim Gauch: “Brasil/Alemanha hoje, formam um signo otimista da parceria cada vez mais estreita desta relação bilateral”. E presidente Dilma Rousseff: “Nosso comércio bilateral...”.

É importante intensificar nosso intercâmbio comercial, ampliando o valor agregado na exportação brasileira. Incentivar pequenas e médias empresas incentivando, joint ventures, parcerias societárias é um dos vetores da relação bilateral, pelos benefícios que essas relações podem trazer a ambos os países, seja na área comercial, como na área de pesquisa e desenvolvimento, seja em todos os setores do nosso relacionamento bilateral (Dilma Rousseff, 2013, Declaração à Imprensa).

Pensar em bilateralidade não necessariamente implica simetria de forças. Porém, é possível pensar que, ao envolver dois lados, se houver uma significativa discrepância, isso pode levar a preponderância de um componente sobre o outro. Analisemos: seria possível afirmar que os dois países estão em pé de igualdade quanto a questões sociais, econômicas e estruturais?

Sabemos que o processo de globalização se manifesta de forma assimétrica. Teríamos, então, os países globalizadores e os globalizados, sendo os primeiros, aqueles que “conseguem assimilar as novas tecnologias, possuem as multinacionais mais avançadas, dispendo de uma vantagem comercial adicional em relação aos demais e de maior autonomia para realizar as suas políticas” (BARBOSA, 2003, p. 16).

E os segundos, os globalizados,

os mais vulneráveis e, portanto, mais expostos aos impactos negativos da globalização, pois geralmente importam mais do que exportam, ou então exportam produtos menos elaborados e são praticamente obrigados a adquirir no exterior tecnologias mais caras; esses países, ao mesmo tempo, procuram estimular a instalação de empresas multinacionais em seu território, mas não fomentam as empresas nacionais na magnitude exigida.

Embora o Brasil estivesse, então, em um movimento de acentuado crescimento da economia, as diferenças entre as duas nações ficaram evidentes na fala da própria presidente Dilma durante a declaração de abertura do evento:

Senhor presidente, as exportações brasileiras para a Alemanha, estão limitadas a um número relativamente pequeno de grandes firmas, no sentido inverso, as importações alemãs, englobam um grande número de empresas, muitas das quais, médias e pequenas. Em torno parece que de 90%, que produzem bens de valor agregado. Este é o desafio no Brasil, elevar o número de pequenas, médias e microempresas que possam desenvolver inovações, agregar valor e ter a capacidade de serem componentes de um tecido social, que como no caso Alemanha se torna mais resistente diante das flutuações e das crises.

Como mecanismo para diminuir os problemas do país, a presidente citou ainda os programas sociais, o que acabou por destacar maior discrepância entre as duas nações:

Sr. presidente, nós acreditamos que a criação de emprego, os programas de renda como o Bolsa família, o Brasil sem miséria, o crescimento da pequena agricultura, dos pequenos negócios, assim como a expansão da indústria do agronegócio, setor de serviço, produziram uma expressiva mobilidade social do Brasil mais de 40 milhões de pessoas chegando a classe média e 36 milhões deixaram a pobreza extrema.

Se atentarmos para as diversas vozes que direcionam a “leitura” do enunciado, podemos perceber que a simetria dentro das relações bilaterais entre o Brasil e a Alemanha, ainda encontra-se distante, pois os dois países vivem estágios diferentes no que concerne a diversas questões.

Nesse sentido, Milton Santos chama a atenção para a “interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos” (2006, p. 41) e a questão que se coloca então é da informação intermediada pelos meios e que chega ao público através da: “máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema” (SANTOS, 2006, p. 18).

Assim, encontramos a "fábula" de uma imposição midiática. O *Jornal da Globo*, exibido no mesmo dia (13 de maio de 2013), veiculou apenas a notícia de que a presidente Dilma teria solicitado ajuda ao presidente Gauck para os trabalhos da "Comissão Nacional da Verdade". Na mídia alemã, encontramos a manchete "Dilma

recebe Gauck e pede ajuda alemã para Comissão da Verdade", publicada no site da Deutsche Welle (DW), em matéria assinada pela jornalista Renata Krieger. Embora a matéria veiculada na DW seja mais detalhada e elaborada, apresentando demais aspectos do encontro entre os dois presidentes. O título da matéria contribui para a formação de um discurso único do poder hegemônico representado pela mídia. Por toda imprensa brasileira é possível encontrar este enfoque da matéria, entre as principais notícias relacionadas ao evento. "O evento já é entregue maquiado ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador, e é também por isso que se produzem no mundo de hoje, simultaneamente, fábulas e mitos" (SANTOS, 2006, p. 40).

Em resposta, o presidente da Alemanha, Joachim Gauck, repetiu, segundo a matéria veiculada no site da DW, o mesmo discurso pronunciado na Colômbia há poucos dias: "Se não é possível reparar todas as injustiças do passado, que pelo menos se usem todos os meios possíveis para apurar a verdade, para restabelecer a dignidade das vítimas" (GAUCK, 2013).

O presidente não confirmou se ajudará a Comissão Nacional da Verdade a ter acesso aos documentos da Stasi, porém declarou que uma comissão com "apoios sólidos, acesso irrestrito às fontes do governo e independente" é fundamental no papel de eliminação dessas injustiças. Em *A natureza do espaço* (1996), Milton Santos diz que quando se pode imaginar que é possível a criação de um mundo veraz, o que na verdade se apresenta é um mundo de fabulações. A informação veiculada traz, então, uma imagem alicerçada no imaginário, que fica a serviço do capital dominante, "fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal" (SANTOS, 2006, p. 18).

Após a declaração realizada na coletiva de imprensa, o pronunciamento do presidente Joachim Gauck, aberto ao público presente, durante a abertura oficial do "31º Encontro econômico Brasil-Alemanha", considerou a parceria Brasil-Alemanha, como um signo otimista, declarando conservar um sentimento de honra por ter participado da abertura oficial do ano da Alemanha no Brasil e, agora, deste encontro. Gauck disse que vai levar para a Alemanha lições de coragem que o Brasil lhe ensinou através de momentos históricos do país, como quando decidiu lutar pela própria democracia e nas ações sociais promovidas pelo governo. O presidente lembrou-se do episódio em que o Brasil enviou tropas em missão de paz ao Haiti, falando que aprendeu com o nosso país, que quando "ajudamos a quem precisa, também somos ajudados quando precisamos". Segundo o presidente alemão, o sucesso desta relação bilateral vem da visão,

criatividade, empreendedorismo, mas acima de tudo, de muito trabalho duro realizado pelos empresários que viabilizaram projetos de cooperação entre o Brasil e a Alemanha.

A valorização do Brasil no cenário internacional também foi destacada pelo presidente, não só pela inserção do país na rodada internacional de negócios, na política de desenvolvimento sustentável, na realização bem-sucedida da "Rio+20" (2012), no papel que vem assumindo na Organização das Nações Unidas (ONU) como ator global da paz, mas também na recém conquistada cadeira brasileira na Organização Mundial do Comércio (OMC), assumida por Roberto Azevedo. Para Gauck, o Brasil estava no "caminho certo" com o posicionamento de valores atrelados a Democracia, Direitos Humanos e Estado de Direito.

A posição do presidente alemão é que a relação entre os dois países é "uma importante ponte entre a maior nação econômica da América Latina, o Brasil, com a maior nação econômica da Europa, a Alemanha". A comparação do Brasil como potência da América Latina e da Alemanha como potência europeia, fechou um dos circuitos do discurso de Gauck que estabeleceu uma aparente equidade econômica e de desenvolvimento da Alemanha em relação ao Brasil, o que configurou mais uma fábula construída pela globalização que trabalha a informação para comunicar o que se deseja, em conformidade com determinado momento adequado.

Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos - isto é, dos globalitarismos - a que estamos assistindo (SANTOS, 2006, p. 38).

Durante o discurso, Gauck lembrou o movimento imigratório dos alemães para o Brasil, dizendo ser repleto de histórias belas de quem veio em busca de oportunidades e amargas dos judeus que fugiram para salvar suas vidas. Em tom ufanista, declarou que a Alemanha luta por assumir a responsabilidade internacional pela Europa, em uma postura igualitária tanto dentro do continente Europeu, como em relação aos demais continentes do planeta. Quanto a nós, Gauck disse que o "Brasil é o país do futuro". Ideia antiga, que foi internacionalmente disseminada com o lançamento do livro *Brasil, país do futuro*, escrito pelo judeu e austríaco Stefan Zweig. Embora o livro tenha sido

lançado no ano de 1941, esta ainda é uma ideia presente, ligada diretamente à imagem do Brasil, tanto internamente, como no exterior. Enxergando no Brasil uma espécie de paraíso, Zweig exalta não o governo, mas o povo brasileiro, capaz de se harmonizar culturalmente e aceitar os novos grupos étnicos que chegam ao país.

O que é que o famoso livro do Stefan Zweig, Brasil, país do futuro tem a dizer? Não é um livro que elogia o governo brasileiro. Ele elogia o povo brasileiro; mostra que o país é maravilhoso por causa de seu povo. E esse povo conseguiu harmonizar culturalmente e criar uma coisa nova, em contraste com o que se passava na Europa, dominada pelo ódio racial. Ele viu que essa ideia precisava ser vendida ao mundo, que estava, naquele momento, sangrando, em uma guerra catastrófica (DINES, 2012, s/p.).

Assim é possível reconhecermos, no discurso do presidente Joachim Gauck, uma série de exemplos das fábulas compreendidas por Milton Santos (2006, p. 19), o que nos remete ao questionamento:

no lugar do fim da ideologia proclamado [a] pelos que sustentam a bondade dos presentes processos de globalização, não estaríamos, de fato, diante da presença de uma ideologização maciça, segundo a qual a realização do mundo atual, exige como condição essencial o exercício de fabulações?

O mundo como perversidade

Durante a abertura oficial do "31º Encontro econômico Brasil-Alemanha", o primeiro sinal de perversidade que encontramos foi apresentado em um sonho relatado por Paulo Skaf, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em que ele conta ter visto a final da Copa do Mundo de 2014, entre Brasil e Alemanha, e que, pelo menos no seu sonho, o Brasil vencia o jogo. Depois, foi a vez de Ulrich Grillo, Presidente da Federação das Indústrias da Alemanha (BDI) que se apropriou da fala de Skaf, dizendo que também sonha com uma final entre os dois países, mas que a Alemanha será a vitoriosa. Assim, diante desses dois pronunciamentos, o presidente da Alemanha, Joachim Gauck, terminou o seu discurso de maneira bem-humorada, declarando que “os dois países têm mais uma dificuldade em comum, ambos querem ser o Campeão do Mundo na Copa de 2014, mas como isso é impossível, os dois países terão caminhos divergentes e não conseguirão ser campeões simultaneamente.” Assim como no discurso da presidente Dilma, ao analisarmos o discurso do presidente Gauck,

vemos que é possível identificar em sua fala a existência de diversas situações em que os percursos definidos pelos dois países não convergem.

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2006, p. 20)

Para Santos (2006), a globalização significa o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista, sendo o "estado das técnicas" e o "estado da política" dois elementos fundamentais para compreensão desta, ou de qualquer outra fase histórica. Apesar das tendências para separação destes dois elementos, Santos (2006, p. 23) explica que

na realidade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que fez a história.

No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária.

Sobre a reflexão acima, lembramos que cada sistema técnico representa uma determinada época da humanidade. Estamos vivendo o período da "técnica da informação", que é revolucionária por permitir que: A) as diversas técnicas já existentes se comuniquem entre si, assegurando a possibilidade de um comércio até então impossível; B) Constitui papel determinante sobre o uso do tempo, permite a simultaneidade das ações, converge momentos e acelera ao mesmo tempo o processo histórico. Contudo, "um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa" (SANTOS, 2006, p. 24).

O pronunciamento da presidente Dilma Rousseff, durante a abertura oficial do "31º Encontro econômico Brasil-Alemanha", apresentou dezenas de dados que reforçavam o crescimento do Brasil, apesar da recente crise mundial, mostrando uma imagem do país preparado para receber investimentos e firmar acordos internacionais que beneficiem as duas nações. Entre as primeiras informações transmitidas em seu discurso, estava o fato de que as 50 empresas brasileiras presentes na Alemanha,

tiveram crescimento progressivo de 6,5% ao ano no período de 2005 a 2010. Depois, seguiu argumentando que a Alemanha é o quarto maior parceiro comercial do Brasil e o maior, dentre as comunidades pertencentes à União Europeia e que, por outro lado, o Brasil é o maior parceiro da Alemanha na América Latina. As relações desse comércio bilateral triplicaram no período de 10 anos, apesar da "ordem de desaceleração proposta pela crise mundial", sendo que a movimentação financeira relativa ao ano de 2012 chegou à casa dos 21 bilhões de dólares. Após a apresentação desses dados, Dilma se dirigiu diretamente a Joachim Gauck declarando:

Senhor presidente, esta bem-sucedida relação das nossas economias, não pode ocultar porém, os riscos resultantes da crise econômica financeira internacional. Ninguém está a salvo de seus efeitos nefastos. A crise só será superada, por meio de mais cooperação e por meio de políticas de desenvolvimento que enfatizem o crescimento inclusivo e o aumento da competitividade. Por isso que eu saúdo, de forma muito forte, o título desta conferência "Cooperação para a Competitividade". O Brasil segue esse caminho do crescimento inclusivo e do aumento da competitividade como um dos mecanismos da cooperação para enfrentar a crise.

Retomando a declaração da presidente sobre a mobilidade social no Brasil, que é um país formado pela "Classe Média", apesar do balanço positivo nos dados apontados, Dilma enfatizou que as "volumosas injeções monetárias dos países ricos" pressionaram a desvalorização das moedas dos países em desenvolvimento, afetando diretamente a competitividade dos produtos brasileiros, entre outros fatores.

Segundo Milton Santos, o mundo globalizado é impulsionado por um motor único, em que "um elemento da internacionalização atrai outro, impõe outro, contém e é contido pelo outro" (SANTOS, 2006, p. 30), gerando uma mundialização homogeneizada dos padrões. Atualmente, estamos passando por um período de crises sucessivas, gerada pelo que o autor chama de mundialização da mais-valia.

O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal "crise" fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real – econômica, social, política, moral – que caracteriza o nosso tempo. (SANTOS, 2006, p. 36)

Na mesa de abertura do "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha", três governadores de Estados da República Federativa do Brasil estiveram presentes. Geraldo Alckmin, governador do Estado de São Paulo, conforme já citado, foi o único governador brasileiro a realizar pronunciamento durante a abertura do evento, estando em situação claramente superior em relação aos demais governadores, em parte, devido a forte relação econômica que o Estado de São Paulo possui com a Alemanha, abrigando o maior polo industrial alemão fora daquele país. Os outros dois governadores foram Jaques Wagner do Estado da Bahia, e Renato Casagrande do Estado do Espírito Santo. Wagner patrocinou um stand no evento para atrair possíveis investidores da Alemanha para este estado, além de ter sua vinda ao encontro promovida pela Secretária da Comunicação do Estado da Bahia, os textos jornalísticos sobre sua participação traziam como títulos: "Encontro aborda relação econômica entre Brasil e Alemanha" e "Wagner vai a evento discutir relação econômica entre Brasil e Alemanha". Já o governador Casagrande, sequer teve seu nome lembrado pela presidente, que agradeceu apenas a presença do governador do Espírito Santo. No site do Estado do Espírito Santo, também, não encontramos nada referente a sua visita ao encontro.

A composição desta situação representativa constitui mais uma visível perversidade que os governadores dos Estados da Bahia e do Espírito Santo vivenciaram em relação à potência do Estado de São Paulo, ampliada pela lógica da globalização que põe São Paulo à frente de progressos técnicos e científicos, dos quais as empresas multinacionais se apropriam para garantia da mais-valia da lógica capitalista. Este é um exemplo de como o processo de globalização se insere dentro de países em desenvolvimento ampliando diferenças sociais, políticas, educacionais, pelo viés da prioridade econômica, possibilitada pela injeção do capital estrangeiro em determinadas localidades, que com isso, conseguem se desenvolver melhor.

O mundo como possibilidade

Diante o cenário que apresentamos, neste mundo globalizado de fábulas e perversidades que muitas vezes enchem de esperança países inteiros, encontramos na obra de Milton Santos "uma outra globalização" possível, menos perversa e mais humana. Para o autor, a globalização, não é apenas apocalíptica, tornando-se um

processo que permite um fenômeno de uma "enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes" (SANTOS, 2006, p. 20). Isso acontece em um processo prático de produção aglomerada em áreas cada vez menores promovendo o dinamismo entre pessoas e filosofias.

As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*La rebelión de las masas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude da sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança (SANTOS, 2006, p. 21).

Na teoria, o pensamento de Milton Santos verifica a possibilidade de criação de um "novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato" (SANTOS, 2006, p. 21). Para o autor, esta é a primeira vez que na "história do homem" se constata a existência de uma "universalidade empírica". "De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta" (SANTOS, 2006, p. 21).

Seria assim possível concluir que o "31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha" (EEBA 2013) nos forneceu elementos relevantes para uma reflexão de como esta "nova história" está sendo contada. Percebemos que as esferas que compõem essas novas técnicas de informação oferecem, em alguns momentos, um viés parcial e com tendências delineadas. Mas, ao mesmo tempo, também possibilitam construir um painel crítico que forneça as pistas para enxergar as potencialidades inerentes ao momento histórico que vivemos. Assim, apesar das evidentes diferenças entre os dois países, eventos deste porte podem apontar para parcerias que promovam mudanças estruturais nas relações internacionais. E fomentem uma maior interação viabilizando desenvolvimento e uma maior equidade entre os diversos povos, principalmente no que diz respeito ao caráter social e cultural. Ou seja, indo além do exclusivo caráter financeiro, em que esta relação muitas vezes se baseia.

Referências

BARBOSA, Alexandre. **O mundo globalizado: política, sociedade e economia**. São Paulo: Contexto, 2003.

DINES, Alberto. Brasil, país do futuro. **Observatório da Imprensa**. Programa número 607, edição em 17/01/2012, Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/brasil_pais_do_futuro>. Acesso em 23 mai. 2013.

EEBA - Encontro aborda relação econômica entre Brasil e Alemanha. Disponível em: <<http://www.comunicacao.ba.gov.br/noticias/2013/05/13/encontro-aborda-relacao-economica-entre-brasil-e-alemanha>>. Acesso em 25 mai. 2013.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Dostoiévski: prosa poesia**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Wagner vai a evento discutir relação econômica entre Brasil e Alemanha.

Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2013/05/13/wagner-vai-evento-discutir-relacao-economica-entre-brasil-alemanha>>. Acesso em 25 mai. 2013.

ⁱ Este artigo foi revisado para esta publicação, tendo sido originalmente apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo, Poder e Discursos Organizacionais, do 3º Encontro de GTs – Comunicon, nos dias 10 e 11 de outubro de 2013 na ESPM, São Paulo/SP.